

Ensaio de Rimas I

Nos jornais, leio crimes horríveis
Nas revistas, vejo fotos sofríveis
Na televisão, só caras risíveis
Na rádio, vozes inaudíveis

No trânsito, apitos incessantes
No quarto, silêncios constantes
No céu, estrelas brilhantes
Na vida, pessoas marcantes

No futuro, imagens passadas
No passado, lembranças amadas
No presente, vidas despedaçadas
Nos versos, palavras rimadas

Nos sonhos, amores verdadeiros
Na vigília, só homens solteiros
No pensamento, arranjam parceiros
Para, na vida, gastar os dinheiros

Os filhos não amam os pais
Os pais só amam demais
Os avós são peças mortais
Num jogo de rotas fatais

Carlos Daniel A. Sousa

O Poema

Um Poema é um sonho
Uma brisa fresca, uma flor nascida...
Um Poema é a vida
A profundidade de uma alma leve

Um Poema é tão breve
Inacreditavelmente pequeno
Suspeitosamente sereno
Um poema engrandece

E toda a nossa alma se aquece
Com um fogo quase mortal
Um Poema é fatal
Quase mata ou enlouquece

Um Poema é tristeza
Melancolia horrível numa voz calada
Tão profundamente cheio de absolutamente nada
Que perfura a alma; e com certeza
Castra o passado do Homem velho
Que vive morrendo a cada verso
E inspira a revolução dos sentidos
Como obra para viver o achaque mais diverso
As dores que pressente... As dores que sente!

Um Poema é um abrigo de perdidos
Que encontram nas palavras o conforto da sua casa

Carlos Daniel A. Sousa

A força da vida não substitui o medo humano de morrer
Talvez haja um medo inexplicável de viver
Com medo de que, um dia, a morte bata à porta.
O medo, que sorrateiramente nos suporta,
Acaba por nos fazer acreditar no inacreditável.

Deus, sempre extremamente dubitável,
Tem um papel determinante na vida de quem morre.
Só a ele o Homem da Esperança recorre
Para esconder do mundo a sua maior fragilidade
E, independentemente da idade ou da mentalidade,
A Deus se socorre, viciado na oração divina.

No entanto, a morte, em contraste com a guerra libertina,
Parece até algo que suspira alívio.
Eu não quero ser poeta da desgraça ou do dilúvio
Muito menos quero ser mórbido
Ou depressivo, ou doido, ou turbido
Mas penso que quem ora tanto
Merece mais paz do que dor ou pranto
Merece amor (amor!) e um suave canto
Merece ter tudo, para conseguir apreciar a verdadeira Vida.

Talvez um dia Deus consiga perceber
Que a Humanidade não precisa de sofrer.

Carlos Daniel A. Sousa